

Uma usina no Jardim Botânico

*globo 2º caderno
14-3-88*

Uma verdadeira maratona de cursos técnicos e teóricos, debates, seminários e exposições volta a movimentar a partir de hoje a Escola de Artes Visuais, no Parque Lage. É a abertura do ano letivo da EAV, baseado em uma nova proposta de ensino que pretende transformar a escola em uma "usina de atividades educativas e culturais", como define seu diretor, o crítico de arte Frederico Morais.

Segundo a nova estrutura, a EAV (que é vinculada à Secretaria Estadual de Cultura) continua livre e aberta, sem exigir concurso de acesso ou exames periódicos, mas agora as oficinas práticas foram integradas a um núcleo teórico. Ou seja, não existem mais cursos isolados, e o aluno se matricula na escola, com direito a todas as suas atividades. Tudo isso para manter na escola um "processo contínuo de discussão", como explica a gravadora Giodana Holanda, coordenadora de ensino, que acrescenta:

— Arte não é mero exercício de habilidades com materiais e técnicas, mas um trabalho intelectual comprometido com o movimento de transformação da sociedade.

De acordo com os coordenadores da escola, para que isso seja verdade é preciso que o artista tenha uma formação global, completa, para acompanhar o processo da arte e não se deixar levar por modismos. "O processo criador do artista", diz Frederico Morais, "deve servir como um instrumento de ampliação da consciência individual e coletiva". O que não acontecia quando a fragmentação era a marca da EAV, como explica Gianguido Bonfanti, um dos coordenadores:

— A EAV estava quase que dividida em ateliês particulares de professores, que funcionavam, mas não enquanto escola. Agora a escola será um fórum de idéias aberto, e com um caráter de interdisciplinaridade. Um espaço de unidade, onde o homem se encontra consigo mesmo, o que faz com que ele se repense.

A proposta unificadora guia todas as atividades programadas para este ano, mas se manifesta mais claramente no



A partir da esquerda: Mario Azevedo, Giodana Holanda, João Carlos Goldberg, Carli Portella, Frederico Morais, Gianguido Bonfanti e Igro Marques, os coordenadores da Escola de Artes Visuais na escadaria do Parque Lage

que foi batizado de Forum de Idéias, uma seqüência de cursos destinados ao público em geral, com duração de quatro aulas, e que pretende discutir tudo aquilo que acontece no Brasil em todas as áreas. As aulas serão ministradas de segunda a quinta-feira, das 20 às 22 horas, com taxa de inscrição de 1,5 OTNs (cerca de CZ\$ 1,2 mil, hoje).

Mas a principal novidade é a "Praça", ou núcleo central, que tem a responsabilidade de fornecer aos alunos a formação mais completa possível. Enquanto os núcleos de trabalho, ou oficinas, são definidos como "territórios do fazer", dedicados à prática da pintura ou da escultura, a "Praça" é o ponto de encontro dos alunos dos diversos núcleos, o "terri-

tório da reflexão". A "Praça" reunirá matérias teóricas e práticas ministradas em caráter permanente, às quais todos os alunos da escola terão acesso gratuito. Para o público em geral, será cobrada uma taxa em torno de CZ\$ 450.

Os cursos regulares, por sua vez, começam às 17h30m, fazendo a ligação entre os turnos da tarde e da noite da escola, e discutirão temas como "Teoria da cor", "História da arte", "Percepção e Imaginação", "Os materiais na formação da imagem"; "Teoria da Forma" e cursos de modelo vivo. Para o coordenador do núcleo de escultura, João Carlos Goldberg, o objetivo é tentar recuperar o exercício da reflexão e da análise, que havia sido banido do sistema de ensino, e

que não pode ser dissociado da prática. Transformar o "fazer inconseqüente", que segundo ele havia na escola, em um fazer conseqüente:

— A EAV difere das outras escolas de arte porque ela está assumindo uma postura mais aberta em relação ao debate, abrindo possibilidades para que o aluno encontre seu caminho.

Dentro dessa proposta, a partir de agora o trabalho nas oficinas será conduzido por dois professores simultaneamente, para que o aluno tenha visões diferentes e encontre seu próprio caminho. Porque, como lembra Goldberg, a escola não pretende formar artistas, mas dar apoio à formação do artista. "O objetivo é gerar seres mais conscientes".